

> VIDAS TANGENTES: UM “COTIDIANO CONTATADO” COMO AUXÍLIO PARA O ISOLAMENTO

AMANDA VILLA PEREIRA

> amandavilla@gmail.com

Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos

Há mais de cinco séculos, os contínuos empreendimentos de dominação colonial do território brasileiro e da extração de seus recursos são responsáveis pelo contato e também pelo isolamento voluntário¹ dos povos indígenas nestas terras. Enquanto alguns foram violentamente “atraídos” e “pacificados”, outros evitaram e evitam como puderam e podem qualquer tipo de relação com comunidades exógenas. Ilhados² em rincões que ainda lhes permitem certa autonomia, aqueles grupos que optam pelo isolamento são muitas vezes, como no caso de que trato, protegidos pelas barreiras tangenciais, intencionais ou não, proporcionadas por seus vizinhos indígenas e pelas Frentes de Proteção Etnoambiental da Fundação Nacional do Índio. As fotografias contidas neste ensaio foram realizadas a partir de uma incursão de trabalho de campo no estado de Rondônia, entre os meses de julho e agosto de 2016. Com elas, pretendo descrever em imagens algumas das (não)relações que favorecem a existência de um povo do qual sequer se conhece a língua.

A Terra Indígena (TI) Massaco está localizada em uma área cuja proteção ambiental remonta ao início da década de 1960, e carrega em seu histórico o marco de ser a primeira terra demarcada exclusivamente para um povo em isolamento voluntário, em um processo iniciado em 1988 e homologado apenas dez anos mais tarde, no ano de 1998. Nas cercanias da TI encontram-se hoje pequenos distritos, propriedades privadas rurais, uma reserva em parte biológica e em parte extrativista – em que habitam algumas comunidades remanescentes de quilombolas – e a Terra Indígena Rio Branco, um território demarcado em 1986 para indígenas em contato contínuo com a sociedade envolvente. Em situação um pouco diferente daquela na qual se encontrava a área da TI Massaco, a criação da Terra Indígena nos entornos do rio Branco deu-se quando o processo de expansão das frentes pioneiras era

1 Uma reflexão a respeito das nomenclaturas em referência aos povos indígenas que não mantêm uma relação de contato com a sociedade envolvente pode ser encontrada em minha dissertação de mestrado (PEREIRA, 2018: 46-59). Termos como o escolhido neste texto – que opta por destacar agência em relação ao seu modo de vida, em detrimento daqueles que indiquem desconhecimento a respeito do contexto à sua volta – são notados desde pelo menos a publicação da carta aberta de Glenn Shepard à empresa de extração de petróleo Mobil, em 1996, que àquela altura fazia incursões nas florestas peruanas, ou do livro de Beatriz Huertas Castillo junto ao *International Work Group for Indigenous Affairs* (IWGIA), em 2002.

2 Faço uso deste termo com o intuito de evocar a imagem de um “mar colonial” que cerca por todos os lados esses povos. Tomo de empréstimo, ainda, as palavras de Eduardo Viveiros de Castro em sua apresentação no simpósio “Povos indígenas em isolamento voluntário: repensando abordagens antropológicas” – promovido pelo PPGAS-Museu Nacional em setembro de 2018 – para lembrar que, originalmente, “nenhum povo é uma ilha”, ou vivia com suas relações sociais restritas a si mesmo. Este conceito de “ilhado” também foi trabalhado por Barbara Arisi e Felipe Milanez (2017), em alusão ao isolamento político trazido pelo que consideram como um ideal romântico de isolamento por parte da política indigenista oficial do Estado.

irreversível, posto que seus limites ao norte já estavam comprometidos com a fixação de colonos (MALDI, 1991, p. 210; PEREIRA, 2018, p. 19).

Projetadas na forma de um retângulo, as linhas retas que delimitam a TI Rio Branco foram traçadas após o deslocamento e a reunião de diversas etnias pelo Serviço de Proteção aos Índios e por seringueiros, em grande parte com o objetivo de que trabalhassem na coleta da borracha (cf. CASPAR, 1958; MALDI, 1991). Os indígenas que habitam a TI pertencem às etnias Aikanã, Arikapú, Aruá, Djeoromixí, Kanoê, Makurap e Tupari. Apenas por volta da segunda metade do século XX, esses povos passaram a viver na região fronteira com a TI Massaco. Se, àquela altura, os Tupari viviam à leste do barracão³ – atualmente aldeia – São Luís, hoje habitam, junto às demais etnias acima citadas, majoritariamente a região sudoeste, descendo até as margens do rio Guaporé. Segundo seus relatos, vivem como se pouco lembrassem da existência dos indígenas em isolamento voluntário ao sudeste de seu território, exceto quando são surpreendidos pelos estrepes⁴ pontiagudos por eles enterrados firmemente ao chão, ou pela subtração sutil de algum animal capturado. Ainda assim, proporcionam cotidianamente uma fundamental proteção pragmática do que já está legalmente assegurado pelo Estado através da demarcação da Terra Indígena Massaco e da Reserva Biológica do Guaporé.

Tangentes, portanto, as vidas dos habitantes das duas terras indígenas fronteiriças uma à outra parecem, com base em uma análise de relatos obtidos no decorrer do trabalho de campo, nunca de fato se cruzar, ao mesmo tempo em que não deixam de tocarem-se à distância. Quando a Reserva Biológica do Guaporé, no final dos anos 1980, era invadida por colonos e madeireiros com o incentivo do INCRA, foram os habitantes da TI Rio Branco que notaram a presença de pegadas e vestígios que indicavam uma ocupação indígena no local, e auxiliaram em todos os processos necessários para que a desintrusão e a demarcação desse território fossem possíveis. Estes processos, também, foram tornados possíveis com o apoio daqueles que hoje são servidores da Funai e que, ainda enquanto colonos ou madeireiros, passaram a se solidarizar com a condição de risco que compreenderam ser a dos indígenas não-contatados dali (cf. ALGAYER, 2015; CABRAL *et al.*, 2016). Ao afirmar sua presença e “transmitir recados” (PEREIRA, 2018, p. 107-124) para aqueles

3 Desde a visita de Franz Caspar, em 1948, este barracão já se encontrava instalado. Tratava-se de uma sede de armazenamento especialmente da borracha e castanha extraídas na região, instaurada por um antigo funcionário do Serviço de Proteção aos Índios e então chefe da polícia do alto Guaporé. Segundo o relato de Waitó, cacique Tupari, registrado por Caspar, os primeiros a se aproximarem e trabalharem na extração da borracha foram os Makurap, que exibiam colares, espelhos, roupas, facas e machados como pagamento por seus serviços; além deles, indígenas das demais etnias que ali se encontram hoje foram, aos poucos, cooptados como mão de obra. O cacique conta, ainda, das tosses, dores de cabeça e febre que dizimaram boa parte dessa população, e da perseguição sofrida pelas mulheres por estes seringueiros. Não só de trocas e fragilidades na saúde essas movimentações foram feitas, obviamente: há períodos descritos como um verdadeiro regime de terror, que impunham vexame e tortura aos indígenas e mesmo alguns dos seringueiros subjugados à essa administração e seus capangas – eventualmente assassinados por André, cacique Makurap que naquele momento reverteu a situação (CASPAR, 1958).

4 Os vestígios foram e são parte fundamental do rastreamento desses indígenas, com especial destaque aos estrepes – uma característica marcante desses habitantes, por serem abundantemente confeccionados desde que se tem notícia de sua existência. Constituídos por lascas de madeira afiadas em uma das extremidades, em geral com o uso de dentes de cotia, os estrepes são enterrados com cerca de doze centímetros de profundidade no chão, de modo que a terra ao seu redor não cede e a perfuração – de pés descalços e calçados, e mesmo pneus de grande porte – é inevitável aos que cruzam seu caminho.

ao seu redor – como os servidores e indígenas aqui tratados – os estrepes, que dilaceram calçados e pés, parecem não apenas deixar acesa a lembrança de que esses indígenas ali estão, como realimentar “o imaginário num processo sucessivo e interminável de construção e criação de novas realidades” (KOSSOV, 1998 *apud* SAMAIN, 2003, p. 64) a seu respeito. O mesmo ocorre com a construção deste ensaio, ao buscar documentar em fotografias o que à primeira vista – ou “primeiro campo” – saltou à percepção etnográfica.



Foto 1: Adonias do Carmo, indígena da etnia Djeoromitxí (Jabuti) e funcionário da Funai, elaborando o prato típico boliviano que carrega o nome dado à Terra Indígena: Massaco. Dentro do pilão, banana da terra e carne seca (charque).
Local: Base Massaco, dentro da Terra Indígena de mesmo nome.



Foto 2: Cesta, exibida com notável estima, repleta de estrepes recolhidos nos arredores da Base Massaco após um inédito episódio de aproximação dos indígenas em isolamento, ocorrido em 2014. Segundo os relatos dos funcionários da Funai, mais de 300 estrepes haviam sido reunidos, e continuavam sendo encontrados. Local: Base Massaco, dentro da Terra Indígena de mesmo nome.



Foto 3: Porto de uma das derradeiras aldeias alcançadas pela estrada de terra, e a pequena Ágata. Local: Aldeia Serrinha, Terra Indígena Rio Branco.



Foto 4: Seu Luiz Tupari, filho do falecido pajé, segurando o aparato de rapé de seu pai. Local: Aldeia Serrinha, Terra Indígena Rio Branco.



Foto 5: Durval Kampé exibindo os estrepes que encontrou em sua trilha de caça, enquanto relatava sobre o hábito de seus “vizinhos” da Massaco de visitarem toda a região de tempos em tempos, e deixarem os estrepes quando se vão. Local: Aldeia Castilho, Terra Indígena Rio Branco.



Foto 6: Pesca e descontração infantil. Local: Rio Branco, na Terra Indígena que carrega o mesmo nome.



Foto 7: Osvaldo Aykoo Tupari, agente indígena de saneamento (Aisan) contratado pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), caçando tracajá. Local: Rio Branco, na Terra Indígena que carrega o mesmo nome.



Foto 8: Os estrepes, como este ensaio vem apontando, estão entre os objetos mais marcantes confeccionados pelos indígenas que vivem em isolamento na TI Massaco. Aqui, aparecem expostos na parede do posto que guarda o rádio comunicador. Local: Aldeia Figueira, Terra Indígena Rio Branco.



Foto 9: Acrobacia no rio Branco, a última aldeia habitada antes do rio Guaporé, que marca a fronteira do Brasil com a Bolívia. Esta aldeia se localiza em uma região limítrofe à Reserva Biológica do Guaporé (sobreposta pela Terra Indígena Massaco), que aparece ao fundo da fotografia, na forma de uma área de alagamento na margem oposta do rio. Local: Aldeia Palhal, Terra Indígena Rio Branco.



Foto 10: Antigo porto de uma aldeia então desabitada, e a última no sentido do rio Guaporé. Ao fundo, área de alagamento na Reserva Biológica do Guaporé (sobreposta pela Terra Indígena Massaco). Local: Aldeia Laranjal, Terra Indígena Rio Branco.

REFERÊNCIAS

ALGAYER, Altair. Parte IV – As memórias: Altair Algayer. **Memórias Sertanistas: cem anos do indigenismo no Brasil**. Milanez, Felipe (org.). São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

ARISI, Barbara; MILANEZ, Felipe. Isolados e ilhados: indigenismo e conflitos no Vale do Javari, Amazônia. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, pp. 49-66, 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/24482/15439>>. Acesso em 05 set. de 2019.

CABRAL, Ana S. A. C.; VAZ, Antenor; SILVA, Ariel P. do C. Entrevista com Rieli Franciscato, sertanista e indigenista, Coordenador da Frente de Proteção Etnoambiental Uru-Eu-Wau-Wau. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 8, n. 2, 2016.

CASPAR, Franz. **Tupari: entre os índios, nas florestas brasileiras**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1958.

CASTILLO, Beatriz H. **Los pueblos indígenas en aislamiento: su lucha por la sobrevivencia y la libertad**. Peru: Tarea Grafica Educativa, 2002.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. Etienne Samain (org.). **O Fotográfico**. Hucitec-CNPq. pp. 41-47, 1998.

MALDI, Denise. O complexo cultural do marico: sociedades indígenas dos rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes do médio Guaporé. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, série Antropologia, v. 7, n. 2, 1991.

PEREIRA, Amanda V. **Demarcando vestígios: definindo (o território de) indígenas em isolamento voluntário na Terra Indígena Massaco**. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos, 2018.

SAMAIN, Etienne. Antropologia de uma imagem “sem importância”. **ILHA** – Florianópolis, v. 5, n. 1, julho de 2003, pp. 47-64.

SHEPARD, Glenn. **Los grupos indígenas aislados del Río Piedras**: um informe preparado por

Glenn Shepard Jr, 1996. Disponível em: <https://www.academia.edu/13021790/Los_grupos_ind%C3%ADgenas_aislados_del_R%C3%ADo_Piedras>. Acesso em 03 set. 2019.

RECEBIDO EM 09 DE JUNHO DE 2019
APROVADO EM 31 DE OUTUBRO DE 2019